

Pensamento, um processo que surge do corpo

**Elena Brufatto, Celeste Cirelli, Nicola Fini,
Roberta Lella, Emiliano Luchetti, Raffaella
Peri, Milena Russo, Roma¹**

RESUMO: Referenciando-se às hipóteses de Ferrari e às novas descobertas da neurociência, os autores se questionam a respeito da origem do pensamento que pode ser identificável na corporalidade. Um corpo como único objeto da mente, ela mesma produzida pelo próprio corpo. Ferrari acredita que o nascimento do pensamento pode ser identificado nas fases mais precoces da vida: o corpo dá origem a função mental e constitui contemporaneamente o objeto primário da mente. A função de contenção da atividade mental frente a sensações e emoções, possibilita o pensamento, do contrário poderia dispersar-se no marasmo das emoções (Armando B. Ferrari, 1998). Por meio de fragmentos de material clínico, os autores aprofundam suas hipóteses a respeito da origem do pensamento no analista e no analisando, em diferentes situações: quando a mente está saturada por emoções que não produzem nenhuma experiência, quando o corpo sai do eclipse e a mente ingressa num estado de marasmo, quando se abre um espaço mental onde é possível pensar em si próprio. Particular atenção está dedicada à relação analítica, contexto de auto-interpretação onde é possível perceber e experimentar cientemente aspectos de si para construir um sentido compartilhado. Se o analista se colocar em posição de escuta do modo e da forma pelos quais o analisando utiliza o próprio material clínico, pode iniciar a vislumbrar um perfil de seu funcionamento. A imagem que emerge na mente do analista é criada pelo processo mental que, originário das suas percepções portanto do corpo, através da organização mental se consolida em emoções e depois

1. Istituto Psicoanalitico di Formazione e Ricerca A.B. Ferrari, Roma.

em significado e imagem. Tal processo é identificado por Ferrari como capacidade de “voltar-se para si mesmo”, um movimento que permite o nascimento do pensamento: algo novo nascido num processo que se criou no tempo presente e que não pode ser repetido.

PALAVRAS CHAVE: estado de marasmo, objeto originário concreto, corporalidade, eclipse do corpo, espaço mental.

“Já temos a liberdade de pensamento. Agora, precisaríamos do pensamento.”

(Karl Kraus)

P) Estava caminhando e um pensamento entrou sorrateiramente dentro de mim: quantas pessoas, no mundo e neste exato momento, estão morrendo no mar? Pergunto-me por que esses pensamentos me perseguem, me fazem passar mal, como se estivesse sendo continuamente atingida por flechas. Por quê?

T) Você está passando mal, por isso sua mente vai até os refugiados perdidos no mar.

Quando há uma turbulência, uma forte ativação emocional, a mente pode defender-se construindo um rígido sistema de significados que não permite a contenção das percepções e das sensações provindas do corpo, como um dique que vai encolhendo e compactando-se diante das enchentes de um rio. Dir-se-ia que se cria uma situação próxima daquilo que Bion define como “terror sem nome”, uma sensação de perigo extremo face ao qual, ao que parece, a paciente não dispõe de um sistema de proteção para si mesma, lutando contra uma catástrofe iminente.

No dizer da paciente, não há diferença entre um avião que precipita, um navio que afunda ou o suicídio do irmão, do qual fala em várias sessões, como se tudo fosse a mesma coisa. Não há diferenças entre o fantasiar dela e o dado da realidade, a expressão se dá mediante um Registro

Pensamento, um processo que surge do corpo
Elena Brufatto, Celeste Cirelli, Nicola Fini, Roberta Lella, Emiliano Luchetti, Raffaella Peri,
Milena Russo

de Linguagem² que se aproxima do registro paranoide, para conter uma angústia sem nome, uma angústia cósmica mas não específica. A paciente ouve vozes, ruídos e sons; ao que parece, não os reconhece, é aterrorizada por eles e tenta dar-lhes um sentido, atribuindo aos outros e ao mundo externo a razão de seu sentir.

O analista acompanha a angústia da paciente, utilizando o mesmo Registro de Linguagem e propondo imagens que se aproximam de suas fantasias e que compreendem seu funcionamento: a proposta do analista faz com que a paciente se sinta contida.

Quando a paciente diz que está passando mal, o analista confia em seu próprio pensamento, que nasce de sua Ressonância Emotiva, isto é, as sensações, as percepções e as emoções que dele emergem quando ouve a paciente: pensando que deve ser espantoso estar em contato com todas essas catástrofes que ela não consegue deter, propõe-lhe olhar para as catástrofes de outra forma, ou seja, como expressão de seu passar mal, e não como a causa.

O analista, sucessivamente, lhe perguntará se está interessada em buscar na relação analítica uma maneira para poder olhar para as catástrofes das quais fala, dar-lhes uma forma e enfrentá-las juntos, porque parece estar muito sozinha diante de todo aquele mar de coisas que não consegue dizer ou conter. Usar uma linguagem por imagens permite diminuir a angústia e transmitir que, enquanto analistas, estamos concretamente lá, na relação com nossos pacientes.

Pensamento, já não tenho mais palavras.

2. Armando B. Ferrari supõe a existência de Registros de Linguagem como “códigos comunicativos distintos que, embora não sendo ainda linguagem verbal, constituem, mesmo assim, seu substrato. Representam, de fato, o veículo através do qual o Uno/Corpo busca dizibilidade, através do qual o inconsciente tende a se tornar consciente e formam as malhas daquela rede de correspondências significativas entre emoções e sensações de um lado e pensamento do outro” (Armando B. Ferrari e Aldo Stella, 1998). Os Registros de Linguagem permitem a ativação da comunicação entre Uno/Corpo e Bino/Mente, favorecendo a atenuação da angústia provocada pelo apresentar-se de sensações não imediatamente decodificáveis. Todavia, em algumas específicas situações, essas formas de linguagem podem representar as “únicas e rígidas” formas em que aquela determinada condição desarmonica vem se configurando, e podem indicar de que forma aquele sistema específico se organizou em relação a específicos núcleos de vulnerabilidade. Na maioria dos casos, desaparecem com a resolução da situação de alarme que surgiu no indivíduo. Por isso, Ferrari as define como “Linguagens de emergência”.

*Mas o que tu és, afinal?
Algo que às vezes lacrimeja, às vezes dá luz.
Pensamento, onde estão tuas raízes?
Na minha alma louca”.*
(Alda Merini)³

P. Não, isso não é suficiente. Eu sei que agora estou bem, mas tenho que aguardar abril, para ficar tranquila. Entendi isso depois de anos de terapia: não sou eu que sou má, são eles.

T. Então tampouco a terapia seria suficiente, aonde deveria levá-la? Diz que não é suficiente, e isso ocorre com o trabalho ou o resto: nunca é suficiente. Penso que deve chegar sempre um pouco além para encontrar as respostas definitivas.

P. Pois é... Nunca tinha pensado no assunto nessa perspectiva.

O material desta vinheta clínica apresenta várias questões relacionadas entre si, que, sobretudo, dizem respeito à nossa modalidade de nos dispor diante dele e, assim, nossa modalidade de nos dispor diante do analisando. Se ficarmos ouvindo o modo e a forma com que o analisando dispõe, ele mesmo, seu material clínico, não cedendo à sedução do conteúdo, podemos começar a vislumbrar um perfil de seu funcionamento.

“O que deveria chamar sua atenção - a do analista - deveria ser o modo e a forma com que o analisando apresenta seu material, que devem necessariamente prevalecer sobre os conteúdos”. Somente esta modalidade lhe permite “evitar o chamariz sedutor de substituir-se ao analisando na pretensão de esclarecer os inúmeros conteúdos que dizem respeito só ao próprio analisando”, processo infinito e portanto totalmente isento de interesse (Ferrari,1983).

3. Tradução livre.

A imagem que vem à tona na mente do analista é a de uma pessoa cansada: a paciente se esforça muito, de forma extenuante e sem descanso, hoje, para merecer o paraíso amanhã, em um estado expectante que a levará a um “*e viveram felizes para sempre*”. A sensação é a de estar diante de uma pessoa que percorre trilhos traçados por uma teoria predefinida, que conduz ao ser feliz para sempre: não pode ficar em um lugar porque a felicidade está sempre mais além, em outro lugar. De fato, a paciente narra que não consegue aproveitar um trabalho de que goste, mas que poderá ser feliz somente com a obtenção de um contrato de trabalho por tempo indeterminado.

O analista supõe que a paciente esteja projetada em outro lugar, com grande dificuldade de viver o momento presente: dir-se-ia que esteja vivendo *mais além*, com base na imaginação daquilo que gostaria de obter, criando um vazio *sobre o aqui* presente. Todavia, se não parar, não vai poder conhecer o lugar em que se encontra e, se não souber onde está, não poderá saber aonde quer ir: “*É só compreendendo a distância entre o lugar em que estamos, portanto o aqui, e o lá que temos imaginado, que pode começar a buscar um trajeto para chegar até aquele ponto*” (Cimatti, 2012)⁴.

A imagem que vem à tona na mente do analista é criada por aquele processo mental que a partir de suas percepções, portanto da Corporeidade⁵, através da organização mental, toma forma em emoção, depois em significado e em imagem. Este processo é definido por Ferrari como *capacidade*

4. Tradução livre.

5. Richard Carvalho detém-se na definição que Ferrari oferece da Corporeidade, propondo-a como uma função, junto da Fisicidade: “*Da dimensão da Fisicidade, nunca totalmente conhecível, continuamente emergem sensações que, ao organizar-se em sensações percebidas, em percepções, transformam a Fisicidade em Corporeidade. Assim, poder-se-ia pensar que o corpo, enquanto objeto da ciência ou da medicina, corresponda em certo sentido à Fisicidade, enquanto a Corporeidade seria o corpo percebido e experimentado subjetivamente*” (Richard Carvalho, “Instabili Equilibri. Dalla fisicità al pensiero nella relazione analitica”, 2013).

de retornar para si mesmo⁶, um “movimento” que permite o nascer do pensamento: um ato novo, surgido em um processo que se criou no tempo presente e não repetível.

Na Relação Analítica, o analista serve-se de seu pensamento para formular uma hipótese sobre o funcionamento do analisando, que expressa através de uma Proposição Analítica⁷: um ponto de vista diferente que pode mudar o ângulo de perspectiva do analisando em relação ao próprio ponto de angústia. A paciente apresenta-se em um estado marasmático e blindada dentro de uma teoria, na tentativa de conter a angústia, mesmo se o efeito conseqüente não faça outra coisa senão alimentá-la. O analista utiliza sua Proposição Analítica para procurar o Ponto de Urgência do analisando, entendido como ponto de máxima emotividade, emoção, angústia e sofrimento para o paciente, dentro daquela específica relação analítica que vai se construindo.

Esta postura do analista pode permitir à paciente deter-se e observar-se de um novo ponto de vista: desta forma, abre-se um Espaço Mental em que possa entrar em contato com suas próprias percepções e emoções, sem ser dominada por elas e, conseqüentemente, poder contê-las e atribuir-lhes um significado. *“Pois é... Nunca tinha pensado no assunto nessa perspectiva”* expressa o emergir de um processo de pensamento também no analisando. A Proposição Analítica é, portanto, o instrumento que o analista usa com o fito de despertar uma Ressonância Emotiva contida no analisando, favorecendo a premissa de uma pensabilidade.

Podemos supor que a Proposição Analítica seja o pensamento do analista: é, ao mesmo tempo, expressão do pensamento e instrumento para

6. Armando B. Ferrari considera a Relação Analítica como um momento processual fundado na constante dinâmica do retornar-ir: no espaço analítico, *“o analista é sobretudo solicitado a retornar em direção a si mesmo”*, pois dispõe de um apetrechamento mental específico, *“enquanto o analisando é solicitado a ir em direção a si mesmo”*. Se *“o retornar não enriquece na relação, o analista nunca poderá ampliar seu mundo interno de percepção e, assim, o ir do analisando encontrar-se-ia limitado a pontos de referência quase preestabelecidos pelo próprio analista”* (Armando B. Ferrari, 1986, tradução livre).

7. Armando B. Ferrari fala em Proposição Analítica, lançando mão da acepção de Propositus, isto é, *“aquilo que é apresentado à consideração e à decisão de outrem”*, dentro de uma Relação Analítica em que o analista utiliza a palavra como *“constituição de uma relação”* que se torna objeto de reflexão para analista e analisando, juntos (Armando B. Ferrari, 1986).

Pensamento, um processo que surge do corpo
Elena Brufatto, Celeste Cirelli, Nicola Fini, Roberta Lella, Emiliano Luchetti, Raffaella Peri,
Milena Russo

criar possíveis condições do emergir de um pensamento. É importante que o analista, ao invés de fornecer soluções, construa propostas para que o paciente possa encontrar autonomamente percursos mais funcionais e menos repetitivos.

Dentro de uma Relação Analítica é fundamental que o analista trabalhe com o objetivo de fazer nascer uma curiosidade no analisando: a abertura ao novo e não o fechamento dentro de suas teorias, permite o ativar-se de processos de mudança e de reorganização da relação de equilíbrio com o ambiente.

“O corpo humano é o veículo; e eu sou o homem que o conduz; o pensamento são as rédeas, os sentimentos os cavalos.” (Platão)

O que acontece naqueles casos em que a mente parece ser hegemônica por uma angústia intensa, que parece chegar sem nenhuma previsibilidade e, muitas vezes, é acompanhada por fortes manifestações corporais? Por que o pensamento - que acolhe, contém e dá significado ao que está acontecendo - não pode “originar-se”?

Quando o aparato mental, para poder pensar os pensamentos, não pode conter seus conteúdos, e portanto é impossível viver as emoções e as sensações de maneira pensável, a pessoa pode afundar em um Estado Marasmático⁸.

P. Estou apavorada ... (diz, chorando)

T. O que é que a apavora?

P. Não sei... Sinto que estou prestes a morrer... sinto falta de ar...

8. Armando B. Ferrari descreve as sensações marasmáticas como aquelas que o aparato perceptivo-sensorial emite e que a mente tenta conter. O estado marasmático é aquela condição que pode se apresentar no decorrer da vida, em concomitância com as contínuas alterações do equilíbrio, existente entre sensações, emoções e pensamentos. O que, pelo contrário, não pode se reapresentar no decorrer da existência, é a condição de marasma sensorial, possível somente no ato do nascimento, em que as sensações e as emoções se apresentam como conjunto desorganizado e indiferenciado de elementos homogêneos. A imediata ativação de uma função organizadora, atuada pelos órgãos dos sentidos - os organizadores físicos - e da função de registro do dado sensorial, permite a vida (Armando B. Ferrari, 2004).

Tonturas... E sobretudo meu coração que pulsa, e pulsa... Acho que estou para sofrer um infarto.

T. O coração pulsa porque está vivo.

Os olhos arregalados e a forte ativação da paciente remetem ao analista uma imagem de algo que não possa ser controlado. A partir de sua própria ressonância e da percepção da catástrofe que paira sobre o sistema da paciente, o analista propõe uma imagem não catastrófica: “*O coração pulsa porque está vivo*”. Com efeito, o analista imagina que a paciente tema a catástrofe e receie que, de um momento ao outro, possa acontecer algo irreparável, deflagrador e imenso. Supõe, ainda, que a própria paciente tente controlar tudo, mas quanto maior a tentativa de controle, maior a perda de controle sobre algo que, por si só, não pode ser controlado. De fato, a paciente não percebe aquilo que lhe acontece porque está dominada pela angústia.

O analista, atento à maneira e à forma da narração da paciente, não cede a seus conteúdos e lança mão da própria imagem de elemento não controlável para poder formular sua proposta. Esta imagem já é pensamento, porque nasce de sua ressonância contida por uma mente capaz de dar-lhe significado. Assim, o analista propõe uma imagem de funcionalidade, capaz de conter a angústia: o coração, de fato, não pode ser controlado mas, ao estar vivo, pulsa. O coração funciona sem o controle da paciente.

No decorrer da vida, pode acontecer que o corpo saia do Eclipse⁹ e que a mente não possa conter o que acontece ao corpo e não possa compreender o que está acontecendo a si mesma. No caso citado, o coração e a respiração fazem “barulho demais” para a paciente e este *estado marasmático* não permite o formar-se de uma experiência. Quando não se consegue dar dizibilidade à sensorialidade e às emoções, não pode haver pensamento: “*se for alterada a tensão equilibrada entre fisicidade e corporeidade, podem*

9. Armando B. Ferrari indica com Eclipse do Corpo “a redução progressiva do espaço ocupado pelas sensações marasmáticas em benefício do aflorar de formas estruturais e funcionais à sobrevivência do indivíduo, que testemunham o início do processo mental, no começo da existência” (Armando B. Ferrari, 1998, tradução livre).

Pensamento, um processo que surge do corpo
Elena Brufatto, Celeste Cirelli, Nicola Fini, Roberta Lella, Emiliano Luchetti, Raffaella Peri,
Milena Russo

gerar-se conúbios monstruosos. Os sinais sensoriais mais comuns podem aparecer bizarros, atormentados e francamente ameaçadores. A mutação nas nuances sensorial-perceptivas traz para o primeiro plano os estados marasmáticos, extraindo-os da benéfica sombra da corporeidade. As vivências sensoriais podem assumir o caráter de autênticas agressões”¹⁰ (Alberto Panza, 2009).

Se a paciente tivesse condições de decifrar sua “ativação” e as emoções ligadas ao que está acontecendo em sua vida, provavelmente teria condições de gerar um pensamento que lhe permitiria conter sua angústia. Ao contrário, dir-se-ia que a tentativa de controlar tudo não permita outra coisa senão encontrar sua mesma impotência.

O analista observa o funcionamento da paciente, tenta desvendar seu ponto de angústia, mas sem desestabilizá-la. Sintoniza-se em seu registro de linguagem, a acompanha, a contém. Usa, por assim dizer, um *raio de intensa escuridão*¹¹, isto é, propõe uma visão capaz de aliviar a tensão que, até aquele momento, cegava a paciente: “*O coração pulsa porque está vivo*”.

No contexto da relação analítica, o analista sintoniza sua capacidade de escuta para modalidades específicas e características de se expressar por parte do analisando, de forma a poder falar sua linguagem e permitir-lhe assim ter acesso a recursos e aspectos aos quais a situação desarmônica de seu sistema não permite acesso (Armando B. Ferrari, 2005).

“Os limites de minha linguagem são as fronteiras de meu pensamento. Tudo o que não conheço e aquilo pelo qual tenho palavras.” (Ludwig Wittgenstein)

P) Antes, ativava o piloto automático: os pensamentos me guiavam e

10. Tradução livre.

11. James Grotstein, em seu livro “Um raio de intensa escuridão. A herança de Wilfred Bion” (2007) concentra-se em todas as ideias fundamentais do mestre, para evidenciar sua utilidade teórica e clínica. O fio condutor é a afirmação que teria perpassado todo o pensamento de Wilfred Bion: “*Quando é conduzida uma análise, é necessário apontar um raio de intensa escuridão, de forma que o que aparecia obscuro na claridade da iluminação, possa brilhar na escuridão*”.

depois me sentia frustrado e ansioso; agora estou procurando ver o que me provoca mal-estar e verificar se os pensamentos são autênticos ou não.

T) O que entende com “autênticos”?

P) Ver se coincidem, em mim, minhas sensações com os efeitos e, assim, criar novos pensamentos.

T) Acho bonito este termo, “coincidir”. Nunca pensou que precisasse se aproximar tanto assim, a ponto de “incidir”?

P) Não, de fato, antes dizia a mim mesmo que precisava alcançar objetivos distantes, ideais, e me obrigava a correr para obter resultados que, todavia, estavam distantes de mim.

O analista observa a forma com que o paciente percebe sua própria alteração de perspectiva e consiga criar um nexos entre suas percepções e o pensamento que delas nasce. Espanta-se da maneira com que o paciente consegue pensar em si mesmo e lhe propõe, com a imagem do “coincidir”, uma imagem de um ajuste perfeito, uma aproximação ideal, um juntar-se consigo mesmo. A palavra, neste caso, não é “*descrição de algo, mas uma interação comunicativa, que introduz o analisando como parte ativa deste processo, auxiliando a assunção de seus estados mentais*”. A proposta do analista torna-se, para o paciente, “*um convite a pensar*” (Armando B. Ferrari, 1982).

A finalidade da relação analítica é a de construir, passo a passo, um campo compartilhado em que, *conditio sine qua non*, a curiosidade do analisando vá em direção e si mesmo e seja possível estimular suas capacidades de autorreflexão.

Então, o que pode fazer o analista para permitir que se possa passar do marasma ao pensamento e para que, no âmbito da relação analítica, o conhecimento se transforme em experiência? Em primeiro lugar, temos que partir da hipótese segundo a qual “*é preciso que haja um espaço em comum, onde os participantes da relação analítica tenham condições de construir as premissas de um entendimento projetado no futuro*” (Armando B. Ferrari, 1983), um espaço determinado por certos pressupostos, entre os

Pensamento, um processo que surge do corpo
Elena Brufatto, Celeste Cirelli, Nicola Fini, Roberta Lella, Emiliano Luchetti, Raffaella Peri,
Milena Russo

quais também uma teoria psicanalítica, mas relativamente livre de modelos e esquemas que caracterizam qualquer relação, que Ferrari denomina relação comum. Neste espaço, “*o analista é solicitado, sobretudo, a retornar para si mesmo, enquanto o analisando vai em direção a si mesmo*”. Ferrari considera esta proposição uma constante dinâmica, o ponto de partida para o desdobramento de uma Relação Analítica, dentro da qual os mundos dos participantes se expandem: o do analista, especialmente, cresce como “*capacidade de percepção, intuição e portanto experiência*”, em uma relação assimétrica com o paciente: o analista deve ser capaz de retornar “*ao fundo de seu patrimônio de conhecimentos, que abrange também as experiências e as transformações das experiências em teoria*”. (Armando B. Ferrari, 1986).

Ademais, para que o analista possa retornar a si e permitir, analogamente, que o paciente vá em direção a si, é necessário que saiba fazer um bom uso de seu “*aparato para pensar os pensamentos*”. E, no encontro analítico, ambos “*observadores de si mesmos e do outro*” (Paolo Carignani e Fausta Romano, 2006), podem aprender com sua própria experiência.

Então, é importante que na relação analítica possa-se favorecer o reativar-se da Rede de contato¹²: isto é, favorecer aquele espaço de pensabilidade definida como uma “*área de silêncio dentro de nós, uma área, por assim dizer, não saturada, onde podemos ter a impressão que esteja acontecendo algo muito parecido a um diálogo entre aspectos de si mais ou menos definidos e distinguíveis*” (Paolo Bucci, 2019)¹³.

No diálogo analítico, identificar pares de elementos no sistema do interessado e conduzir sua atenção sobre modo e forma com que estes se relacionam, pode revelar-se um instrumento útil para aumentar as potencialidades dinâmicas. Então, por exemplo, poderíamos encenar como um

12. Armando B. Ferrari indica com a expressão Rede de Contato uma espécie de “rede de correspondências significativas entre emoções e sensações, por um lado, e pensamento, por outro”, que permite o “coagular-se de significados – nós significativos entre sensações, emoções e pensamentos - e reduz o risco que o espaço psíquico venha a ser saturado por um excesso de emoções e sentimentos indiscriminados, permitindo seu defluir em direção a uma área, por assim dizer, obscura da mente” (Armando B. Ferrari e Aldo Stella, 1998, tradução livre).

13. Reproduzimos um trecho de comunicação pessoal do Dr. Paolo Bucci, durante um encontro de supervisão clínica no âmbito do *Istituto di Formazione e Ricerca Armando B. Ferrari*.

diálogo entre componentes que se dispõem de forma altamente desarmônica e favorecer no analisando o emergir de uma função de auto-observação: T) *Acho bonito este termo, “coincidir”. Nunca pensou que precisasse se aproximar tanto assim... A ponto de incidir?”*

Mas então, onde está a origem do pensamento?

Segundo Ferrari, o nascer do pensamento pode ser situado nas fases mais precoces da vida. O funcionamento mental tem origem na Corporeidade e constitui, ao mesmo tempo, o objeto primário da mente¹⁴; a atividade mental é uma resposta, com funções de continência em relação a sensações e emoções. O mundo emocional poderá entrar em contato com a área do pensamento, promovendo uma possibilidade de significação. Isso ocorrerá desde que se crie, ao mesmo tempo, uma distância que permita aprimorar o foco sobre o estímulo sensorial, portador de potenciais formulações de pensamento naquele que se tornou um “espaço mental”.

As hipóteses de Ferrari relativas ao nascimento da Função Psíquica¹⁵ como proveniente da corporeidade, colocáveis em um contexto biológico e etológico, de forma que o próprio funcionamento mental seja observado em suas funções relacionais, isto é, de interação da pessoa com o ambiente, parecem estar muito próximas das modernas neurociências.

14. Armando B. Ferrari refere-se a uma “*unidade constituída por um aparato mental que percebe e anota, e por um corpo, no sentido físico, assim como das sensações espalhadas que deste corpo provêm. É Objeto, porque se refere ao corpo do indivíduo, considerado em si mesmo, e não como o resultado de um devir. Originário, porque intrínseco à diversidade originária e original de cada indivíduo. Concreto, porque sua qualidade primária é constituída pela fisicidade. O OOC é o dado-presença, o Uno, em relação ao qual a mente, o Bino, entra em funcionamento. Definimos corporeidade o resultado de uma complexa organização corporal, que, em seu conjunto, tem o objetivo de se colocar em relação com a mente*” (Armando B. Ferrari, 1992).

15. Armando B. Ferrari propõe “*pensar o indivíduo como um sistema complexo, que nasce da fisicidade e que, imediatamente, é também corporeidade: a dimensão física, entendida como mudo conjunto de órgãos, no viver gera um conjunto de sensações e sensações percebidas, capazes de emanar sinais (a linguagem do corpo é uma linguagem de signos) e emoções, contendo em si potenciais significados que necessitam de uma função decodificadora, em primeiro lugar dentro do sistema indivíduo, apta a garantir a sobrevivência do sistema, em seu conjunto*” (Paolo Carignani e Fausta Romano, 2006).

Segundo Antonio Damasio¹⁶, com efeito, os processos do pensamento estão intimamente ligados àquilo que acontece em nosso corpo. As emoções, os sentimentos e a consciência estão emoldurados dentro de uma visão integrada do sujeito e de uma abordagem que considera o corpo como *teatro da mente*.

Escreve Antonio Damasio: “*À medida que as mudanças do corpo ocorrem, vocês conseguem conhecer sua existência e podem seguir sua contínua evolução: percebem as mudanças do estado do corpo e acompanham seu progredir, enquanto correm os segundos e os minutos. Este processo de observação contínua, esta experiência daquilo que seu corpo está fazendo enquanto correm os pensamentos relativos a conteúdos específicos, é a essência daquilo que eu denomino sentimento. Se uma emoção é um conjunto de mudanças do estado corporal ligados a imagens mentais específicas que ativaram um também específico sistema cerebral, a essência de um sentimento não pode ser uma qualidade elusiva, ligada a um objeto, mas a percepção direta de uma paisagem específica, aquela do corpo*”.

THE THOUGHT: A PROCESS THAT COMES WITHIN THE BODY

ABSTRACT: In a theoretical setting that refers to Ferrari's hypotheses and related new neuroscientific discoveries, the Authors question the origin of the Thought, which is necessarily traceable in the corporeality: so, take a body as the only Object of the mind that is produced by the body itself. According to Ferrari, the birth of the Thought can be placed in the early stages of life: the mental functioning which originates from the body, it also establishes itself at the same time as the primary Object of the mind. The function of containing mental activity towards sensations and emotions makes possible the existence of the Thought itself, otherwise it would go missing in the marasmus of emotions (Armando B. Ferrari, 1998). Through fragments of clinical material, the Authors delve into their hypotheses about the origin of the Thought from the perspective of the analyst and of the analyzed subject in various situations: for instance, when the mind is hegemonized by emotions that do not produce any self-experience or when the body exits the eclipse and the mind enters a marasmatic state or when a mental space opens up in which it is possible to think of oneself. A special attention is thus dedicated to the Analytical Relationship, a self-interpreting context in which it is possible to perceive and experience, in a conscious way, aspects of oneself in order to build a shared meaning. If the analyst pays attention

16. Antonio Damasio, empenhado na compreensão dos processos neurais e cognitivos que subjazem ao raciocínio e à decisão, aprofunda a importância do corpo enquanto referência de base para a mente; esta última dá voz às imagens perceptivas (formadas a partir da percepção somato-sensorial e das representações neurais) através do pensamento, que pode ser verbalizado mediante a linguagem. Central é a função das emoções e dos sentimentos consequentes, pois é das emoções que derivam de nosso aparato somato-sensorial que, sucessivamente, desenvolvem-se os sentimentos (Antonio Damasio, 1995).

to the Way and the Form in which the patient shows his own clinical material, he can behold a profile of its functioning. The image that emerges in the mind of the analyst is created by that mental process that starts from his perceptions, therefore from his own body, then through the mental “organization” to take shape into emotions, then in meanings and eventually in images. This process is defined by Ferrari as the ability to return to “yourself”, a movement that allows the birth of the Thought: a new act arose in a process created in the present time and not repeatable.

KEYWORDS: marasmatic state, concrete primary object, corporeality, body eclipse, mental space.

PENSAMIENTO: UN PROCESO QUE VIENE DEL CUERPO

ABSTRACT: En un marco teórico que tiene como referencias las hipótesis de Ferrari y los nuevos descubrimientos neurocientíficos relacionados, los autores se preguntan sobre el origen del Pensamiento, que es necesariamente rastreable en la corporalidad. Un cuerpo como único objeto de la mente que el cuerpo mismo produce. Para Ferrari, el nacimiento del Pensamiento se puede colocar en las primeras etapas de la vida: el funcionamiento mental se origina en el cuerpo y al mismo tiempo constituye el objeto primario de la mente. La función de contener la actividad mental frente a las sensaciones y las emociones hace posible la existencia del Pensamiento mismo, de lo contrario, desaparecería en el marasmo de las emociones (Armando B. Ferrari, 1998). A partir de fragmentos de material clínico, los Autores profundizan en sus hipótesis sobre el origen del Pensamiento desde la perspectiva del analista y del sujeto analizado en diversas situaciones: cuando la mente está dominada por emociones que no producen experiencia de sí misma, cuando el cuerpo abandona el eclipse y la mente entra en un estado marasmático, cuando se abre un espacio mental en el que es posible pensar en uno mismo. Se presta especial atención a la Relación Analítica, un contexto de autointerpretación en el que es posible percibir y experimentar aspectos de uno mismo de manera consciente para la construcción de un sentido compartido. Si el analista pone atención en la Manera y la Forma en que el analizado muestra su propio material clínico, puede comenzar a ver un perfil de su funcionamiento. La imagen que emerge en la mente del analista es creada por ese proceso mental que partiendo de sus percepciones, por lo tanto de su propio cuerpo, a través de la organización mental, toma forma en emociones y luego en el significado y eventualmente en imágenes. Ferrari define este proceso como la capacidad de “volver a sí mismo”, un movimiento que permite el nacimiento del Pensamiento: un nuevo acto que surgió en un proceso creado en el presente y no repetible.

PALABRAS CLAVE: estado marasmático, objeto primario concreto, corporalidad, eclipse del cuerpo, espacio mental.

REFERÊNCIAS

- Bion Wilfred R. (1971) *Esperienze nei gruppi*, Armando, Roma.
- Bion Wilfred R. (1972) *Apprendere dall'esperienza*, Armando, Roma.
- Bon de Matte L. (2006) Per una relazione analitica a misura del paziente. *Realtà e persona nell'opera di Luciana Bon de Matte*, Franco Angeli, Milano.
- Carignani P., Romano F. (2006) *Prendere corpo. Il dialogo tra corpo e mente in psicoanalisi: teoria e clinica*, Franco Angeli, Milano.
- Cimatti F. (2012) Quanto fa 25 x 20? Per una logica del cambiamento psichico, in *L'ordinarietà dell'inatteso*, Atque, Nuova serie n.10.
- Damasio A. (1995) *L'errore di Cartesio. Emozione, ragione e cervello umano*, Adelphi.
- Ferrari A.B. (1983) Relazione analitica, sistema o processo? in *Rivista di Psicoanalisi* 29,4.
- Ferrari A.B. (1986) La proposizione analitica in *L'interpretazione psicoanalitica*, Bulzoni, Roma.
- Ferrari A.B. (2004) *L'eclissi del corpo. Una ipotesi psicoanalitica*, Borla, Roma.
- Ferrari A.B. (2005) *Il Pulviscolo di Giotto*, Franco Angeli, Milano.

Pensamento, um processo que surge do corpo
Elena Brufatto, Celeste Cirelli, Nicola Fini, Roberta Lella, Emiliano Luchetti, Raffaella Peri,
Milena Russo

Ferrari A.B., Garroni E. (1979) Schema di un progetto per uno studio della relazione analitica, in *Rivista di Psicoanalisi*, 25,2.

Ferrari A.B., Stella A. (1998) *L'alba del pensiero*, Borla, Roma.

Grotstein J.S. (2007) *Un raggio di intensa oscurità. L'eredità di Wifred Bion*, Raffaello Cortina, Milano.

Panza A., Romanini M., Tauriello S. (2009) *Corporeità. L'oggetto Originario Concreto: un'ipotesi psicoanalitica in espansione*, Cá Foscarina, Venezia.

info@unoebino.it